



---

## Liquids

Revista d'estudis  
literaris ibèrics

Nº 3, 2009, pp. 102-104

Issn: 1998-2513

### ***DON GIOVANNI OU O DISSOLUTO ABSOLVIDO*** **DE JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>**

RESEÑA A CARGO DE RITA BUENO MAIA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

O mito do Dom Juan é assim, assalta-nos em cada esquina. Na introdução à obra que aqui resenhamos, José Saramago narra como no momento em que pôde pela primeira vez conhecer as cores de Praga, cidade há tanto sonhada, ao passar pelo *Ständetheater* confessou: “nada mais poderia interessar-me que o Don Giovanni”.

O provérbio epígrafe a que Saramago já nos habituou (e a Caminho a procurá-lo de imediato no fundo amarelo da parte de trás do volume) dita: “Nem tudo é o que parece”. E, de facto, uma das cartas reproduzidas no posfácio prova a intenção inicial de Saramago: “uma abordagem que, sem voltar completamente as costas às expectativas «legítimas» do espectador que conhece a história, seja capaz de abanar o *déjà vu*”.

A peça de Saramago é uma paródia em que se sente todo o seu punho de romancista na presença do duplo, na auto-reflexividade pessoal, social e literária, na laicização do divino, na des-sacralização total ligada

---

<sup>1</sup> Publicado em Lisboa, Caminho, 2005.

(angustiosamente?) a algo muito ibérico: a omnipresença da memória da Inquisição.

No entanto, para que resulte a paródia, tem de se produzir no leitor um reconhecimento das aparências, sendo estas depois frustradas e desconstruídas. A peça oferece ao reencontro todos os elementos *donjuanescos*: Dona Ana e Elvira, a estátua do Comendador, o criado e o catálogo das conquistas, cena, inicial nesta peça, tornada fulcral desde Mozart, subtexto imediato e assumido. Mas ao leitor português do “seu Nobel”, estará vedado, quiçá, o significado da revisitação a todos estes tópicos; procurará ele a versão espanhola, entrada na linguagem comum com a fonética original —Dom Juan—, do seu próprio tipo “marialva”.

O mito do Dom Giovanni, este, é feito de livros e música. “Fica por decidir - sentencia Saramago na introdução - se o autor do texto também virá a beneficiar de uma absolvição, ele que se atreveu a criar o seu próprio Giovanni, depois de Tirso de Molina, (...) Goldoni, Lorenzo da Ponte, Byron, Espronceda, Hoffmann, Zorilla (...) e não sei quantos mais”.

Também este livro, estabelecendo o pacto melindroso entre o leitor e um texto escrito para o palco e para a ópera, propõe uma leitura em progresso e quase empilhadora desta peça. Dividido em três partes, o *avant-propos*, em primeira pessoa expõe as razões que dissuadiam o autor de assumir esta empresa; a peça, em entremeio, conta com um prólogo e seis cenas; e, finalmente, o texto traduzido por Mário Vieira de Carvalho: “Génese de um libreto” de Graziella Seminara. A inclusão desta terceira parte é-nos justificada pelo editor na nota que abre o livro: a vontade de dar a conhecer a história da feitura desta peça desde a sua encomenda.

O último texto procura suprir o veto à audição a que está sujeito o leitor, informando-o das opções tomadas por Azio Corghi, compositor a quem foi encomendada a ópera - *Il Dissoluto Assolto* - pelo Teatro alla Scala. Também Corghi, à semelhança de Saramago, pressupõe (procura?) um espectador cultivado, capaz de captar ora as ressonâncias da ária “da calúnia” de Don Basilio do *Barbeiro de Sevilha* ora a alegria rústica dos cantares de Emilia Romagna. Na nossa opinião, é nesta construção em *mise-en-abyme* que a obra editada pela Caminho adquire o seu mais elevado grau de coerência.

O objecto livro é uma presença constante em *O Dissoluto Absolvido* dotado de poderes perniciosos que justificarão a sua destruição em auto-da-fé; as personagens falam como tal, desnudando a um tempo o pacto ficcional e a honra do teatro do século de ouro, anacrónica para idade da descoberta dos satélites e dos dinossauros.

Este Don Giovanni desconstrói a hipocrisia e os pseudo-moralismos baseados apenas na manutenção da imagem exterior. Dom Juan, sem o mito, sem todas as linhas que escreveram e desenharam a sua personagem, perde a identidade.

O leitor assistindo, não pouco intrusivamente, ao diálogo entre compositor e escritor, à sua mútua amizade e admiração, assim como ao desencontro de objectivos e interpretações, desmistifica o criador. A ópera vai sendo construída com fragmentos de outras óperas, fragmentos de várias apropriações textuais do mito e, mesmo, fragmentos de textos poéticos de Saramago seleccionados por Corghi.

O trabalho de escrita, apresentado como artesanal, sobrevaloriza o receptor, capaz, este, de decodificar a razão que subjaz o bilinguismo de algumas cenas ou, num só momento, toda a cultura livresca, teatral e musical do grande projecto *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido*.